A Maldição do Crânio Dourado

(por Robert E. Howard)

Tradução: Fernando Neeser de Aragão.

Rotath da Lemúria estava morrendo. O sangue havia parado de escorrer do profundo corte de espada sob seu coração, mas a pulsação em suas têmporas martelava como tímbales. Rotath jazia num chão de mármore. Colunas de granito se erguiam ao seu redor, e um ídolo prateado encarava, com olhos de rubi, o homem que jazia a seus pés. As bases das colunas estavam entalhadas com estranhos monstros; sobre o santuário, soava um vago sussurro. As árvores, que cercavam e escondiam aquele misterioso templo, espalhavam longos galhos ondulantes sobre ele, e estes galhos palpitavam com folhas que farfalhavam ao vento. De vez em quando, grandes rosas negras espalhavam suas pétalas escuras no chão. Rotath estava morrendo, e usava seus últimos suspiros para invocar maldições sobre seus matadores: sobre o rei desleal que o traiu e sobre aquele chefe bárbaro, Kull da Atlântida, que lhe dera o golpe mortal.

Acólito dos deuses sem nome, e morrendo num santuário desconhecido, no topo cheio de folhas da montanha mais alta da Lemúria... os olhos de Rotath ardiam com um terrível fogo gelado. Um cortejo de glória e esplendor passava pelos olhos de sua mente. A aclamação de adoradores, o rugir de trombetas prateadas, as sombras sussurrantes de templos poderosos e místicos, onde grandes asas se moviam invisíveis... E então, intrigas, o furioso ataque dos invasores... morte!

Rotath amaldiçoou o rei da Lemúria – o rei a quem ele ensinara temíveis mistérios antigos e abominações esquecidas. Ele fora um tolo em revelar seus poderes a um fraco, que, tendo aprendido a temê-lo, pediu a ajuda de reis estrangeiros. Como parecia estranho que ele, Rotath da Pedra-da-Lua e do Asfódelo, feiticeiro e mágico, fosse expirar no chão de mármore, vítima da mais material das ameaças: uma espada numa mão forte.

Rotath amaldiçoou as limitações da carne. Ele sentiu seu cérebro se desintegrando, e amaldiçoou todos os homens, de todos os mundos. Ele os amaldiçoou em nome de Hotath e Helgor, de Ra, Ka e Valka.

Ele amaldiçoou todos os homens vivos e mortos, e todas as gerações não-nascidas pelos próximos cem milhões de anos, mencionando Vramma, Jaggta-noga, Kaama e Kulthas. Ele amaldiçoou a humanidade em nome do templo dos Deuses Negros, dos rastros das Serpentes, das garras dos Lordes Macacos e dos livros encadernados a ferro de Shuma-Gorath.

Ele amaldiçoou a deusa da virtude e da luz, falando os nomes de deuses esquecidos até pelos sacerdotes da Lemúria. Ele invocou as escuras sombras monstruosas dos mundos mais antigos, e daqueles sóis escuros que se escondiam eternamente por trás das estrelas.

Ele sentiu as sombras se acumularem a seu redor. Ele estava morrendo rapidamente. E, se fechando a seu redor, num ressoar sempre próximo, ele sentiu os demônios com garras de tigres que lhe aguardavam a chegada. Viu seus corpos de sólido azeviche e as grandes cavernas negras de seus olhos. Atrás, pairavam as sombras brancas daqueles que morreram sobre seus altares, em horrendo suplício. Como brumas ao luar, eles flutuavam, grandes olhos luminosos se fixavam nele em triste acusação, uma multidão infinita.

Rotath sentiu medo, e sentindo medo, suas maldições ficaram mais ruidosas, e suas blasfêmias mais terríveis. Com um selvagem arrebatamento de fúria, ele depositou uma maldição em seus próprios ossos, os quais deveriam trazer morte e horror para os filhos dos homens. Mas, mesmo enquanto falava, ele sabia que se passariam anos e eras, e seus ossos virariam pó naquele esquecido santuário, antes que qualquer pé humano perturbasse o silêncio do local. Então, ele reuniu seus últimos poderes para uma última invocação aos seres medonhos aos quais servira, uma última façanha de magia. Ele pronunciou uma fórmula de gelar o sangue, mencionando um terrível nome.

E logo, ele sentiu poderosas forças elementares se moverem. Sentiu seus ossos ficarem duros e quebradiços. Um frio que transcendia a frieza terrestre passou sobre ele, e ele jazeu imóvel. As folhas sussurraram e o ídolo prateado riu com seus frios olhos de pedras preciosas.

Os anos se tornaram séculos, e os séculos se tornaram eras. Os oceanos verdes se ergueram e escreveram um épico poema em esmeralda, e o ritmo deste foi terrível. Tronos desabaram e trombetas prateadas se calaram para sempre. As raças humanas passaram, como ventos de fumaça num verão. Os ruidosos mares, verdes como jade, afundaram as terras, e todas as montanhas submergiram – até mesmo o monte mais alto da Lemúria.

Um homem empurrou para um lado as trepadeiras no caminho e olhou fixamente. Uma barba espessa lhe escondia o rosto, e a lama sujava-lhe as botas. Acima e a seu redor, estava a espessa selva tropical em sufocante e exótica fertilidade. Orquídeas flamejavam e sussurravam a seu redor.

A admiração estava em seus olhos arregalados. Ele olhava entre destroçadas colunas de granito sobre um desagregado chão de mármore. As trepadeiras se entrelaçavam abundantemente, como serpentes verdes, entre aquelas colunas, e arrastavam suas extensões sinuosas pelo chão.

Um estranho ídolo, há muito caído de um pedestal quebrado, jazia sobre o chão e olhava para o alto com rubros olhos imóveis. O homem notou a natureza desta coisa corroída, e um forte tremor o sacudiu. Ele olhou, novamente incrédulo, para a outra coisa que jazia no chão de mármore, e encolheu os ombros.

Ele adentrou o santuário. Olhou para os entalhes nas bases das colunas sombrias, admirado com o aspecto profano e indefinível dos mesmos. Acima de tudo, o cheiro das orquídeas pairava como uma bruma pesada.

Esta pequena ilha, de pântanos luxuriantes, foi outrora o pico de uma grande montanha, refletiu o homem, e ele se perguntou que estranho povo havia erguido aquele templo... e deixado a coisa monstruosa jazendo diante do ídolo caído. Ele pensou na fama que suas descobertas lhe trariam... no aplauso de grandes universidades e de poderosas sociedades científicas.

Ele se inclinou sobre o esqueleto no chão, notando os inumanamente longos ossos dos dedos das mãos, a curiosa estrutura dos pés, as profundas órbitas oculares em forma de cavernas, o saliente osso frontal, o aspecto geral do grande crânio abobadado, que diferia tão terrivelmente da humanidade como ele a conhecia.

Qual artesão, há muito falecido, teria dado forma àquela coisa com tão incrível habilidade? Ele se inclinou mais perto, notando o arredondado encaixe das articulações, as leves depressões nas superfícies lisas onde ficavam os músculos. E se sobressaltou quando a estupenda verdade surgiu nele.

Isto não era trabalho de arte humana... aquele esqueleto já havia sido coberto por carne, e havia caminhado, falado e vivido. E isto era impossível, lhe dizia seu cérebro oscilante, pois os ossos eram de ouro maciço. As orquídeas balançavam sob as sombras das árvores. O santuário jazia em sombras púrpuras e negras. O homem meditou longamente acima dos ossos e se maravilhou. Como poderia ele saber sobre um antigo mundo de feitiçaria, grande o bastante para servir ao ódio eterno, conferindo àquele ódio uma substância concreta, impenetrável às destruições do Tempo?

O homem pôs a mão na caveira dourada. Um grito súbito, mortal e estridente quebrou o silêncio. O homem no santuário cambaleou gritando, deu um único passo vacilante e então caiu de ponta-cabeça, para jazer com os membros contorcidos no chão marmóreo e cheio de trepadeiras.

As orquídeas se derramaram sobre ele numa chuva sensual, e suas mãos, que agarravam cegamente, rasgaram-nas em estranhos pedaços enquanto ele gritava. Caiu o silêncio, e uma víbora se arrastou vagarosamente de dentro do crânio dourado.